

José Bravo Nico, Margarida Saraiva Neves,
Margarida Silva Graça, Maria João Ramos
e Rosa Martins Eugénio

Um contributo para a caracterização da área-escola: estudo de natureza comparativa

Apresentam-se os resultados e reflexões de uma investigação realizada no ano lectivo de 1992/93, no âmbito da disciplina de Aplicações da Planificação e da Avaliação do Ensino, do Curso de Mestrado em Ciências de Educação — Área de Análise e Organização do Ensino — da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Lisboa.

O objecto da investigação foi uma das mais interessantes inovações decorrentes da reforma do sistema educativo: a Área-Escola. Efectuou-se uma análise de índole comparativa dos resultados obtidos com esta nova proposta pedagógica, em duas realidades geográfica, económica e culturalmente diferentes.

A Escola Secundária de Fonseca Benevides, em Lisboa, e a Escola C+S Mário Beirão, em Beja, constituíram o alvo do estudo, tendo-se estabelecido como fontes primordiais de informação, os projectos desenvolvidos por duas turmas destes dois estabelecimentos de ensino.

Foi efectuado um acompanhamento quase constante das actividades destas duas juvenis classes, tendo sido utilizadas algumas técnicas de recolha de dados, tais como a entrevista semi-estruturada e o questionário.

Será a interdisciplinaridade uma via de promover a aquisição de saberes e atitudes que permitam a formação de cidadãos mais conscientes e cultos?

Será a Área-Escola um ponto de encontro entre docentes e discentes, ou, pelo contrário, mais

uma disciplina com contornos ainda pouco definidos? Conseguirá responder aos anseios de uma população escolar cada vez mais afastada da Escola, ou será mais uma imposição legal e portanto com poucos motivos para uma adesão voluntária?

Área-escola: que fundamentos?

Perante a cada vez mais notória incapacidade da escola em responder às necessidades e interesses, dos Alunos em particular, e da Sociedade, em geral, iniciou-se, em 1986, uma Reforma do Ensino em Portugal.

Assim, em 14 de Outubro de 1986 a Assembleia da República aprovou a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) Lei n.º 48/86 que vai servir de referencial obrigatório a todo o processo de Reforma, e em cujos Princípios organizativos se estabelece que o Sistema Educativo se deve organizar de forma a «contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade...».

A Reforma do Ensino apresenta várias inovações mas a sua maior aposta parece ser uma reestruturação dos currículos, que fornecessem aos alunos uma formação teórica adequada, combinada com a vivência de experiências mais próximas da realidade e que desenvolvessem capacidades de autonomia e pesquisa, através da Área-Escola e dos Complementos Curriculares.

Em 30 de Outubro de 1980, surge o Decreto-Lei n.º 286/89 que estabelece os princípios gerais que ordenam a reestruturação curricular do Ensino Básico e Secundário, aprovando os respectivos planos curriculares. No artigo 6.º deste Decreto-Lei é legalmente estabelecida a criação de uma nova área curricular, não disciplinar, que se desenvolve ao longo de 12 anos de escolaridade, designada Área-Escola. No ponto 2 do referido artigo, são indicados como objectivos da Área-Escola «a concretização dos saberes através de actividades e projectos multidisciplinares, a articulação entre a Escola e o Meio e a formação pessoal e social dos alunos».

O projecto é, pois, a metodologia por exceléncia para a concretização efectiva de uma articulação desejável entre todos os intervenientes da comunidade escolar.

As origens do trabalho do projecto podem ser reconhecidas nas reflexões de John Dewey (início do Sec. XX) que apontava para o processo educativo uma dupla finalidade: fornecer um conteúdo vivo, por oposição aos programas livrescos, e seguir o princípio da acção organizada num sentido, em vez de impôr ao aluno lições cuja utilidade ele não entende.

O trabalho de projecto pode ser realizado individualmente ou em grupo e as fases desta metodologia variam consoante os autores.

Em qualquer dos casos, o que se pretende é levar o aluno a detectar problemas através de análise de uma situação identificada na prospecção do meio; investigar, com vista à selecção de soluções possíveis; projectar a solução mais

viável; realizar o projecto; avaliar todo o processo e o resultado final; proceder à disseminação da experiência.

O trabalho de projecto, já com alguma tradição entre nós, desde a década de 70, envolve um grande empenhamento de todos os intervenientes e, se bem conduzido, pode tornar-se apaixonante e extremamente rico, tanto para alunos como para professores.

A relação pedagógica sairá também enriquecida, pois o conhecimento professor-aluno e aluno-aluno, fora da situação restrita do espaço-aula será, certamente, muito mais profundo, alicerçando-se em princípios como a liberdade, a autonomia e a responsabilidade.

Esta é, no entanto, a perspectiva de quem reflecte sobre uma situação idealizada. Esperamos que o estudo que realizámos de duas situações concretas venha fornecer novos dados acerca de uma aplicação real de metodologia de projecto à Área-Escola, bem como sobre a relação educativa que se gera.

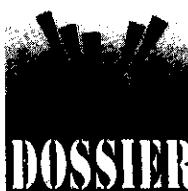
Não sendo, certamente, uma panaceia, a Área-Escola teve, contudo, o condão de fazer renascer a esperança e o entusiasmo entre os docentes que, como nós, encaram a sua profissão como um meio de dotar os jovens de saberes e capacidades que lhes permitam ser cidadãos válidos, conscientes e felizes na Sociedade do amanhã.

Metodologia

Ao longo das sessões de trabalho que os autores realizaram em grupo, foi sendo definido o objecto do estudo a desenvolver, bem como os objectivos, o campo da investigação e a metodologia a adoptar.

Precocuhamo-nos, em primeiro lugar, com a escolha das Escolas onde se procederia à investigação, tendo em conta múltiplos aspectos ligados ao carácter do trabalho.

Deste modo, depois de avaliarmos as características e possibilidades de colaboração das Escolas apontadas como



DOSSIER

possíveis centros do estudo, estabelecemos contactos com as Escolas Secundária de Fonseca Benevides, em Lisboa e C+S Mário Beirão, em Beja, com o fim de garantir a opção definitiva. Tratava-se de duas Escolas empenhadas no projecto da Área-Escola, com características que nos pareciam, à partida, bastante diferentes.

A partir do conhecimento prévio da realidade de cada uma das Escolas envolvidas definiram-se, com maior precisão, os limites e o âmbito da investigação:

— Análise do Projecto da Área-Escola, processo mais produtivo, em comunidades educativas de diferentes dimensões, correspondentes a situações geográficas bem diferenciadas: uma escola de um grande centro urbano e outra de uma cidade do interior alentejano.

Elaborou-se então uma proposta de calendarização do trabalho a desenvolver e definiram-se tarefas para os diferentes intervenientes.

Dado que os projectos das duas Escolas iriam, naturalmente, decorrer em simultâneo, optámos pela divisão do grupo em dois sub-grupos, ficando um acompanhar a Escola Fonseca Benevides e o outro a acompanhar a Escola Mário Beirão.

O trabalho desenvolvido por cada um dos sub-grupos foi estruturado de modo a que todos os elementos colaborassem em todas as fases da investigação. Assim, os estudos preparatórios de definição do objecto de estudo, dos objectivos, do campo da investigação e da metodologia a adoptar foram realizados em grupo por todos os elementos. As tarefas de caracterização do campo, contratos, elaboração de guiões para os instrumentos de recolha de dados, bem como a própria recolha da informação e respectiva análise de conteúdo, foram distribuídos igualmente por cada um dos elementos do grupo.

Sendo nossa intenção confrontar apenas as duas situações características de meios diferentes e analisá-las nas suas especificidades, optámos por uma investigação qualitativa. Uma investigação

quantitativa não caberia no âmbito deste estudo, pois implicaria uma amostragem significativamente mais alargada e um tratamento estatístico, do qual poderiam vir a ser retitados dados passíveis de generalização.

Para atingir os objectivos deste trabalho foram elaborados diversos instrumentos:

— Entrevistas semi-directivas, de forma a fornecerem informações acerca da posição dos professores em relação à Área-Escola como projecto pedagógico, à experiência vivida no ano lectivo da sua implementação, a eventuais sucessos, insucessos e perspectivas para o trabalho futuro.

Do grupo de professores de cada uma das Turmas em análise foram seleccionados para serem entrevistados dois, entre os mais directamente envolvidos no projecto.

Aos professores coordenadores dos projectos foram feitas entrevistas mais orientadas para as funções de coordenação.

A análise de conteúdo das entrevistas, uma vez efectuado o respectivo protocolo, começou por uma primeira leitura que deu origem ao levantamento de categorias e sub-categorias — técnica da milha. Esta análise foi feita separadamente para cada Escola.

No caso específico das entrevistas aos professores coordenadores dos projectos, a análise de conteúdo foi feita em conjunto, de modo a permitir avaliar até que ponto haveria coincidências ou discrepâncias de categorias.

— Questionários com questões abertas, incidindo nas opiniões acerca do trabalho realizado ao longo do ano lectivo findo, aplicados a:

- Professores — Incluindo todos os professores das turmas envolvidas no estudo.

- Alunos — Incluindo todos os alunos das referidas turmas.

- Encarregados de Educação — Incluindo todos os encarregados da educação dos alunos questionados.

A análise de conteúdo dos questionários teve uma orientação semelhante

àquela que foi dada para a análise das entrevistas, uma vez que se tratava de questões abertas.

Através das informações recolhidas tomamos conhecimento da natureza dos projectos de cada Escola. O projecto da Escola Fonseca Benevides subordinou-se ao tema «O Bairro de Alcântara» e dele resultou o projecto da turma: «O estudo da Ponte sobre o Tejo».

O projecto da Escola Mário Beirão tinha por tema «O Património Natural e o Ambiente», sendo o projecto da turma envolvida «A Poluição».

De salientar que, embora tivesse sido prevista, no início do trabalho, uma actuação discreta e distanciada dos elementos do grupo de trabalho, o entusiasmo provocado pelas situações surgidas nas escolas acabou por provocar um envolvimento muito mais directo, com carácter profundamente participativo, no projecto de cada Escola, do qual resultou a produção, pelo próprio grupo, de diversos materiais: documentação, fotografias, vídeo, etc..

A informação obtida, bem como a variada documentação, amavelmente facultada pelas duas Escolas, permitiu tirar as conclusões finais.

De acordo com contrato estabelecido entre os autores da investigação e as instituições nas quais ela decorreu, procedeu-se, no final, à divulgação dos resultados, de forma a que, estes, contribuissem para uma eventual melhoria do processo de avaliação dos projectos. Concomitantemente este processo de disseminação concorreria para que, no futuro, a Área Escola fosse encarada com uma atitude diferente, por parte de todos os que com ela contactaram durante este processo de investigação.

Conclusões com base nos dados recolhidos

Os Professores de ambas as Escolas envolvidas na nossa investigação, quer através das entrevistas, quer através

dos inquéritos, revelaram, posições *muito semelhantes* relativamente à Área-Escola.

ATITUDE

Os **PROFESSORES** mostram-se receptivos, revelando uma expectativa positiva relativamente à Área-Escola que consideram como potencial agente dinamizador da Escola, embora evidenciem o seu desagrado devido à sua imposição legal.

Aspectos importantes da experiência

- Favorece o desenvolvimento integral do aluno
- Promove a participação activa do aluno
- Permite uma articulação entre a teoria e a prática
- É gerador de motivação
- Promove uma mudança de mentalidades
- Favorece a relação na sala de aula

DIFICULDADES SENTIDAS

- Falta de informação, de formação e de qualquer tipo de orientação
- Ausência de condições materiais
- Falta de tempos comuns entre os Professores e destes com os alunos
- Inexistência de articulação entre programas
- Falta de directrizes e de instrumentos adequados para avaliação dos alunos

NECESSIDADES

Acções de formação que abordem os seguintes temas:

- Fundamentação teórica de trabalho de projecto
- Trabalho de grupo
- Planificação de actividades
- Processo de avaliação dos alunos

Em geral, os Professores estão de acordo quanto à validade da experiência, embora considerem que muito tem que ser feito para aproveitar todas as potencialidades da Área-Escola no sentido de melhorar o nosso Sistema de Ensino.

DOSSIER

Os **ALUNOS** das duas Escolas revelam algumas posições semelhantes embora, em alguns aspectos, já não sejam tão concordantes.

IMPORTÂNCIA DA ÁREA-ESCOLA

A grande maioria dos alunos considera importante e interessante o contacto com problemas reais e consideram que a Área-Escola permite:

- Alargar conhecimento
- fazer pesquisa
- diferentes formas de aprendizagem
- dar largas à criatividade além de ter influência no rendimento escolar.

Contudo, alguns alunos da Escola de Lisboa consideram que a Área-Escola ocasiona uma aprendizagem deficiente considerando-a uma «perda de tempo» e «fonte de problemas».

ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

A maior parte dos alunos refere a recolha de informações junto a diversas entidades, como actividade fundamental.

A preocupação com problemas do meio ambiente revela-se fulcral nos alunos de Beja, enquanto que em Lisboa surge em segundo lugar. A primeira preocupação em Lisboa vai para a aquisição de conhecimentos através de revisitas de estudo.

PREFERÊNCIA DE METODOLOGIA DE TRABALHO

Em Lisboa a preferência vai para o pequeno grupo por facilitar coordenação de trabalho e permitir mais participação e melhor rendimento.

Em Beja as opiniões dividem-se: 50% prefere o grande grupo por permitir grande convívio e melhor troca de ideias; os outros 50% preferem o pequeno grupo pelas mesmas razões apontadas pelos alunos de Lisboa.

LOCAL DE REALIZAÇÃO DE TAREFAS

A maioria dos alunos prefere trabalhar fora da Escola porque permite o contacto com a realidade e o acesso a maior diversidade de material informativo.

No entanto, alguns alunos de Beja referem que o trabalho dentro da Escola permite o apoio do Professor.

Alguns alunos de Lisboa preferem trabalhar na escola por motivo de segurança e para poupar tempo.

DIVULGAÇÃO DO PROJECTO DA ÁREA-ESCOLA

A grande maioria considera importante a divulgação dos trabalhos ao resto da Escola e à comunidade, considerando essa divulgação *necessária e útil*.

DINAMIZAÇÃO DO PROJECTO POR PARTE DOS PROFESSORES

A grande maioria considera positiva a actividade desenvolvida pelos docentes dando sugestões, transmitindo informações, favorecendo o diálogo, apoiando e orientando as actividades.

Dos questionários respondidos pelos **ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO** dos alunos das duas turmas envolvidas na nossa investigação podemos tirar as seguintes conclusões:

PERCEPÇÃO DE MUDANÇAS E UTILIDADE DA ÁREA-ESCOLA

A maioria dos Encarregados de Educação dos alunos da Escola Fonseca Benevides aperceberam-se de mudanças resultantes da implementação da Área-Escola, e em geral, consideram-na positiva e acham a Área-Escola útil.

Muitos dos Encarregados de Educação dos alunos da Escola Mário Beirão não respondem à questão, e os que respondem referem que praticamente não detectam alteração devido à deficiente informação. No entanto consideram úteis as actividades realizadas no âmbito da Área-Escola.

ACTIVIDADES

Os Encarregados de Educação dos alunos da Escola Fonseca Benevides consideram como actividade mais importante as visitas de estudo, seguidas de actividades relacionadas com Educação

Física, pesquisa de dados e actividades temáticas.

Quanto aos Encarregados de Educação da Escola Mário Beirão a preferência vai para actividades:

- que privilegiem a relação Escola-Família
- que dão lugar à criatividade
- de âmbito cultural
- que permitam investigação e experimentação

LOCAL DA REALIZAÇÃO DE ACTIVIDADES

A grande maioria dos Encarregados de Educação, quer de Lisboa quer de Beja, é de opinião que as actividades fora da Escola permitem aos alunos um melhor contacto com a realidade, favorecendo o conhecimento do mundo que os rodeia.

ENVOLVIMENTO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Em Lisboa, a maioria dos Encarregados de Educação questionados pensa que a Área-Escola lhes possibilita uma maior intervenção na formação dos seus educandos devido a maior facilidade de diálogo. No entanto alguns dos Encarregados de Educação têm opinião diversa, devido à falta de tempo, pouca informação recebida e ao pouco interesse da Área-Escola.

Relativamente aos Encarregados de Educação de Beja registam-se três tipos de opinião:

- 1/3 refere uma participação reduzida por desconhecimento do projecto;
- 1/3 afirma que a participação foi a habitual, referindo uma atitude de expectativa relativamente à Área-Escola;
- 1/3 diz que a participação aumentou pelo facto de haver possibilidade de abordar temas extra-disciplinares.

Considerações finais

Oriundas de meios com características sócio-económicas e culturais muito

distintas, as informações que recolhemos refletem em alguma medida essas diferenças de atitude e de comportamentos face a uma nova realidade comum: a Área-Escola.

Os novos padrões de comportamento e as novas metodologias de trabalho têm impactos e consequências diversas em meios de diferentes estimulação informativa. Lisboa e Beja são exemplos de acentuada assimetria cultural, daí que, a mesma realidade, em princípio, fosse encarada sob distintas perspectivas.

No entanto, a Educação, em Portugal, não tem revelado a assimetria que o diferente desenvolvimento regional faria supôr. Efectivamente e infelizmente, a falta de informação, de formação, de apoios de toda a ordem e de algum empenho institucional, verifica-se nas duas realidades que foram alvo do nosso estudo.

Os docentes participantes nos projectos acompanhados nas duas escolas referiram, em plano de concomitante importância, alguns aspectos que, não se encontrando devidamente acautelados, comprometem a sua acção e o sucesso dos projectos que, com os alunos emprenderam.

Apesar de ser perfeitamente evidente uma atitude favorável relativamente à Área-Escola, as preocupações e limitações docentes, em termos de informação, formação, horários, articulação curricular, meios financeiros e alguma desadequação programática, relativamente às novas metodologias preconizadas pela Área-Escola, contribuiram para o esmorecer do sério entusiasmo inicial passando-se para uma gradual desmotivação no decurso do processo que, ao longo do ano lectivo, acompanhámos.

De acordo com os condicionalismos circunstântes que, de alguma forma, coarcaram o desempenho docente, podemos afirmar que — evitando generalizações abusivas — as boas vontades, a «carolice», o empenho pessoal e o brio profissional, característica de grande parte da classe docente portuguesa, con-

DOSSIER

tinuam a superar os estrangulamentos de um sistema que parece recuar dois passos quando avança um. A acompanhar uma ideia que, à partida, é reconhecida por todos, como interessante e potenciadora de qualidade de ensino, aparecem as inevitáveis faltas de condições institucionais que permitiriam uma adequada operacionalização do que é proposto pelo próprio sistema.

No que se reporta à atitude discente, já são visíveis algumas diferenças. Verifica-se um maior entusiasmo por parte do juvenil grupo alentejano, o qual parece ter evidenciado uma maior receptividade às propostas que lhe foram feitas.

A participação juvenil caracteriza-se, na Escola Secundária de Fonseca Benevides, por uma dualidade nas posições assumidas. A uma maioria caracterizada por um alto grau de adesão ao projecto, opõe-se uma minoria significativa para a qual, o projecto que a Área-Escola encerra, não conseguiu transmitir e inculcar motivação e interesse. Na Escola C+S Mário Beirão não foi detectada e desmotivação presente em Lisboa. Os alunos, de uma maneira geral, como já referimos, exibiram uma boa adesão às actividades desenvolvidas no âmbito da Área-Escola. Talvez um reflexo de reduzida estimulação informativa do meio em que a escola se integra.

Um outro interveniente de fulcral importância no processo de aprendizagem discente — tradicionalmente esquecido pelo Sistema de Ensino — é a Família. A este nível encontramos diferenças significativas na percepção do que é e no que consiste a Área-Escola pelos núcleos familiares dos dois meios em estudo. Enquanto que em Beja, alguns dos Pais e Encarregados de Educação desconheciam (durante grande parte do ano lectivo) a existência da Área-Escola, na Escola dos seus educandos, em Lisboa, tal não se verificou.

Esta realidade será, eventualmente, uma consequência de dois factores decisivos: a falta de comunicação entre a

Escola e a Família — mais evidente no meio de características menos urbanas — e um certo desinteresse e alheamento da Família relativamente ao processo de educação dos seus membros mais jovens.

A comunidade do qual a Escola faz parte, começa, através do trabalho desenvolvido na Área-Escola, a adquirir novos contornos. De uma realidade meramente envolvente, passa-se gradualmente a um espaço físico e humanamente vivo, no qual é interessante viver. Procurou-se conhecer os seus problemas, pretende-se que a Escola possibilite a tomada de consciência, por parte dos jovens, da realidade fascinante, por vezes ignorada, que é a vida fora da escola.

Pensamos que seria extremamente interessante averiguar o impacto que o aparecimento da Área-Escola provocou no meio comunitário. Concerdeza uma investigação interessante que complementaria a presente.

Reportando-nos agora ao que foi o nosso próprio desempenho, pensamos que a nossa presença constante nas escolas, os nossos contactos frequentes com os docentes envolvidos nos projectos, poderá eventualmente ter tido alguma influência no desenrolar dos próprios projectos.

É também nossa opinião que vários aspectos deverão ser repensados de forma a possibilitar uma maior eficácia no desenvolvimento da Área-Escola.

1) O carácter da obrigatoriedade de participação

A participação deverá ser, para nós, o fruto de uma decisão livremente tomada e assumida, assente numa autonomia e numa responsabilidade docente que será de respeitar. Ao tentar tornar-se obrigatória a participação, está-se também a liquidar o conteúdo de liberdade que a Área-Escola deveria comportar.

2) A incompatibilidade de horários e de tempos livres de docentes e discentes

Na realidade, esta foi uma das variáveis que maior peso teve nas dificuldades sentidas principalmente pelos

professores, na implementação da Área-Escola.

3) A pulverização e dispersão de projectos a que cada docente pode estar sujeito

Não é, em nosso entender, viável que um docente possa assegurar a lecionação de, por exemplo, 3 disciplinas e participar com qualidade aceitável no projecto das 4/5 turmas que tem.

4) Dimensão dos projectos

Pensamos serem mais interessantes, viáveis e eficazes projectos de dimensão reduzida nos quais alunos e professores se revejam autenticamente.

5) Recursos financeiros

Só serão verdadeiramente possíveis de realizar os projectos com qualidade de ensino — aprendizagem, para os quais existe um adequado suporte financeiro.

Para aqueles para quem a vida é uma mudança contínua, a Área-Escola responde, de certa forma, a algum desencanto que era visível nos jovens estudantes portugueses relativamente à ortodoxia que teimosamente parece persistir no nosso sistema educativo.

A participação não é, para os jovens, um direito. É um dever inerente à própria condição de jovem. Cada vez mais o jovem aprende porque cada vez menos aceita ser ensinado. Este deslocamento do centro do acto pedagógico em direcção aquele que aprende, fez com que a Área-Escola fosse bem recebida pela jovem geração.

Resta-nos esperar que esta lufada de ar fresco consiga contribuir para uma comunicação cada vez mais fácil, entre uns e outros, potenciadora de uma relação pedagógica baseada no respeito, na responsabilidade e na autonomia de cada um. Que faça com que o ensino seja cada vez mais aprender, no respeito claro da liberdade do indivíduo. A Educação nunca poderá basear-se noutra coisa senão na liberdade e na autonomia, assumidas numa relação mútua, na qual há um que aprende e outro que, ensinando, aprende também.

Conclusão

A Reforma do Sistema Educativo em geral, e a introdução da Área-Escola na vida quotidiana de muitas escolas do ensino básico e secundário, em particular, vieram criar ou tentar criar um novo paradigma de escola. É a escola activa, inovadora, criadora, que pretende substituir a escola que todos conhecemos. A uma escola tantas vezes divorciada do seu meio envolvente, pretende-se que suceda uma escola viva, ligada com a vida, na qual, a interdisciplinaridade não se confina ao seu espaço curricular interior, mas extravasa naturalmente para além de si própria. Talvez seja aquilo a que ousaremos apelidar de interdisciplinaridade cultural. Talvez, a cultura nas nossas escolas, deva ser, ela própria, alvo de uma reflexão profunda, no sentido de na escola se ensinar a cultura, ensinando aos jovens a própria vida naturalmente como ela é: interdisciplinar.

A Área-Escola, apesar de todas as insuficiências por nós detectadas, poderá constituir-se como um elo fundamental, na tentativa de aproximar duas realidades que tão afastadas parecem andar há tanto tempo: a Escola e a Vida.

Bibliografia

- (¹) Barão, L. (1993), «Área-Escola — Desafio de mudança do paradigma escolar?», *Educação e Matemática*, n.^o 25, APM
- (²) Bardin, L. (1991), «Análise de Conteúdo», Edições 70, Lisboa
- (³) Blouet-Chapiro (1971), «As Relações Humanas na Sala de Aula», Livros Horizonte, Lisboa
- (⁴) Boal, M. (1991), «Área-Escola: uma inovação curricular», *Educação*, n.^o 3, Lisboa
- (⁵) Boavida, J. (1986), «Modelos Clássico e Moderno da Relação Pedagógica», *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XX
- (⁶) Branco, I., Figueiredo, C. (1992) «Área-Escola em Experiência — um estudo de caso numa escola C+S»
- (⁷) Estrela, A. (1990), «Teoria e Prática da Observação de Classes — uma estratégia de Formação de Professores», INIC, 3.^a Edição, Lisboa
- (⁸) Estrela, M. T. (1992), «Relação Pedagógica — Disciplina e Indisciplina na Aula», Porto Editora, Porto
- (⁹) Ghiglione, R. (1992), «O inquérito — Teoria e prática», Editora Celta
- (¹⁰) Lima, M. J. et al (1990), «O aluno e o Professor na Escola Moderna», Livraria Estante, Aveiro

- (¹¹) Ministério da Educação (1988), «Proposta Global de Reforma — Relatório Final CRSE»
- (¹²) Monteiro, M. B., Queirós, I. (1993), «Área-Escola: Perspectivas de Trabalho», Colecção Educação, Porto Editora
- (¹³) Muccielli, R. (1976), «Psychologie de la Relation d'autorité», Librairies Techniques, Paris
- (¹⁴) Noesis (1992/93), n.º 25, IIE
- (¹⁵) Oliveira, E. (1990), «Textos de Apoio para Didáctica Específica do 5.º Grupo», FPCE
- (¹⁶) Palmade, G. (1953) «Os métodos em Pedagogia» Notícias, Lisboa

- (¹⁷) Patrício, M.F. (1991), «A Área-Escola no quadro da Escola Cultural», Cadernos Escola Cultural — 10, Colóquio Apec/91, Universidade de Évora
- (¹⁸) Piaget, J. (1969), «Psicologia e Pedagogia», Forense Universitário, Rio de Janeiro
- (¹⁹) Pombo, O., Guimarães, H., Levi T. (1993), «A interdisciplinaridade — Reflexão e Experiência», Texto Editora, Lisboa
- (²⁰) Postic, M. (1984), «A Relação Pedagógica», Edições Coimbra, Coimbra
- (²¹) Vários (1992), «Reforma Curricular — Documentos de Trabalhos», Texto Editora Lisboa

Caracterização do meio

Ficha síntese do meio envolvente

Escola Secundária Fonseca Bencovides

- A escola situa-se num meio urbano, numa zona ligada a actividade do Sector industrial (Porto de Alcântara, Química) e no sector de Serviços (Carris)
- O sector industrial encontra-se em extensão
- As pessoas apenas se deslocam até esta zona para trabalhar, pelo que a população está "envelhecida"
- Trata-se de uma zona de nível sócio-económico médio.
- 80% dos alunos habitam fora da zona.
- Os alunos que frequentam o Ensino Unificado, na sua maioria, provém de zonas degradadas (Casal Ventoso, Bairro da Liberdade). Ao nível dos Cursos Complementares, há muitos alunos das Linhas de Cascais e de Sintra e da zona de Benfica. Procuraram os Cursos de Electrónica, existentes já há muito tempo nesta Escola, e reconhecido pela sua qualidade.
- Em suma, a maioria dos alunos não vive em Alcântara, pelo que não se pode dizer que a Escola seja uma "Escola de Bairro"



Fichas síntese do meio envolvente

Escola Preparatória de Mário Beirão

- A escola situa-se num meio urbano, com baixa densidade populacional, indústria quase inexistente e comércio em regressão
- Zona de nível sócio-económico médio-alto, com franjas desprivilegiadas
- Os alunos habitam quase todo: na zona
- A população docente tem deixa polos «envelhecida» e muito jovem»



Caracterização das Escolas

Ficha síntese Escola Secundária Fonseca Benevides	Ficha síntese Escola Preparatória de Mário Beirão								
<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecimento de Ensino de raiz tecnológica • Orientado para a Electrónica e Química • Num estado de conservação não adequado • Com bons meios pedagógico-didácticos instalados na sua construção • A fazer esforço de modernização em domínios como a Electrónica e Informática • Com alunos em regime diurno e pós-laboral • Grande percentagem de professores habilitados e professionalizados • Bem localizado face à geografia da cidade e à actual rede de transportes • A necessidade de pessoal técnico e auxiliar adaptado às exigências actuais e à actividade real • A demonstrar falta de meios financeiros adequados às necessidades de manutenção, conservação e modernização • Apesar de tudo a ministrar um bom ensino como o demonstram os resultados obtidos pelos alunos: <p>A nível nacional:</p> <table style="margin-left: 20px; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding-right: 10px;">Jovens inventores</td> <td>(2.º lugar)</td> </tr> <tr> <td>Olimpíadas da Matemática</td> <td>(1.º lugar)</td> </tr> </table> <p>A nível internacional:</p> <table style="margin-left: 20px; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding-right: 10px;">Challenger "Legrand"</td> <td>(2.º lugar)</td> </tr> <tr> <td>Olimpíadas da Matemática</td> <td>(Representação na U.R.S.S. em 1992)</td> </tr> </table>  	Jovens inventores	(2.º lugar)	Olimpíadas da Matemática	(1.º lugar)	Challenger "Legrand"	(2.º lugar)	Olimpíadas da Matemática	(Representação na U.R.S.S. em 1992)	<ul style="list-style-type: none"> • Edifício pré-fabricado • Orientado para funcionar o 2.º ciclo do Ensino Básico • Escola procurada pelos pais de condição social média e elevada por reconhecerem a qualidade de ensino, baseada no cariz de alguns professores e pela relativa calma a nível de incidentes disciplinares • Com alguns meios pedagógicos-didácticos • Com alunos em regime diurno e pós-laboral (estes últimos a funcionar noutras instalações) • Grande percentagem de professores habilitados e professionalizados • A demonstrar falta de meios financeiros adequados às necessidades de manutenção e modernização • A ministrar um bom ensino e onde o insucesso escolar é diminuto
Jovens inventores	(2.º lugar)								
Olimpíadas da Matemática	(1.º lugar)								
Challenger "Legrand"	(2.º lugar)								
Olimpíadas da Matemática	(Representação na U.R.S.S. em 1992)								

Caracterização da Turma

**Ficha síntese da Turma 7.º 2.º
Escola Secundária Fonseca Benevides**

- A Turma em análise é uma turma pequena e com uma distribuição por sexos equilibrada
- A idade média é de 14 anos, um pouco elevada, para alunos do 7.º ano
- O meio sócio-económico e cultural donde provém estes alunos é médio baixo
- A maioria dos alunos já reprovou em anos anteriores
- O aproveitamento registado neste ano é médio
- Os alunos são, de um modo geral, assíduos

**Ficha síntese da Turma 7.º A
Escola Preparatória Mário Beirão**

- A Turma em análise é pequena e com uma distribuição por sexos equilibrada
- A Idade média é de 12 anos
- O meio sócio-económico e cultural donde provém estes alunos é médio alto
- A maioria dos alunos nunca reprovou em anos anteriores
- O aproveitamento registado neste ano é bom
- Os alunos são, de um modo geral, assíduos

